

ABRE ASPAS LALA DEHEINZELIN ATIVISTA SOCIAL

«É fundamental gerar riqueza a partir daquilo que se tem»

Texto **RICARDO SANGIOVANNI** r.sangiovanni@grupoatarde.com.br
Fotos **FERNANDO VIVAS** fvivas@grupoatarde.com.br

Mais do que produto da lógica capitalista, a “escassez” da economia em que vivemos é fruto da finitude de recursos físicos – como “terra, ouro, petróleo”. Mais do que atrelada à histórica concentração de poder nas mãos de poucos, a desigualdade social persiste graças à falta de confiança dos indivíduos – uns nos outros, mas, sobretudo, em si mesmos. Assim parece crer a ativista social Lala Deheinzelin, “criadora e futurista” que formulou, em resposta a esses problemas, o conceito de “economia criativa”. Bastaria, segundo ela, que, além do dinheiro, passássemos a valorizar outras “moedas” (como cultura, bem-estar social e meio ambiente) para passarmos de “pobres” a “ricos”. A chancela dessa ideia não vem da academia – longe de ser economista, Lala é ativista e ex-atriz de novelas, como *Vale Tudo* (1988) –, mas sim de entes públicos (como o governo federal, que criou a Secretaria de Economia Criativa, ligada ao MinC) e de autarquias (nacionais, como o Sebrae, e internacionais, como a ONU, onde foi consultora do Comitê de Economia Criativa Sul-Sul por cinco anos). Leia esta entrevista usando “óculos 4D”, como Lala sugere. Ou, se preferir, pingue seu colírio alucinógeno.

O que é economia criativa?

É uma outra economia, baseada em recursos intangíveis, não materiais. Na economia tradicional, você tem uma reserva de valor tangível (terra, ouro, petróleo) que gera riqueza e qualidade de vida. Na economia criativa, essa reserva é intangível – é conhecimento, diversidade cultural, experiência, atributos de marca. Isso é estratégico porque não dá para chegar à sustentabilidade a partir de recursos tangíveis. Os intangíveis são infinitos: não se consomem, mas se multiplicam com o uso; nunca se esgotam, mas se renovam; e são abundantes onde, entre aspás, há pobreza. Não é uma economia da escassez, mas da abundância, que favorece modelos de colaboração. No Brasil, é fundamental gerar riqueza a partir das riquezas que a gente já tem. Ainda mais na Bahia.

Qual o papel da cultura nisso?

É um dos elementos, um dos “poços de petróleo” dos intangíveis. Mas vai além: não são só as artes, mas tudo que ganha valor a partir dos intangíveis. Então, numa empresa como a Natura, por exemplo, o valor dos produtos é a partir de intangíveis: o tipo de comercialização, a brasilidade, o “não sei o quê” que faz com que um sabonete custe dez vezes mais e você pague feliz.

E o problema da distribuição da riqueza, como aparece na economia criativa?

A gente fala em “óculos 4D”: há quatro tipos de riqueza: econômica (tradicional), mas também social, cultural e ambiental. São “óculos” que permitem que a gente as enxergue.

